

Dos Silêncios Universais: a *Roda de Silêncios* como degustação do tempo

Ariane Guerra Barrosⁱ

Aline Silva Vieiraⁱⁱ

Ana Carolina de Sousa Silvaⁱⁱⁱ

Davi da Rocha Lima^{iv}

Isabela Teles Pereira^v

Maria Luiza Machado dos Reis^{vi}

Tatiana Kaori Honda^{vii}

Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, Dourados/MS, Brasil^{viii}

Resumo - Dos Silêncios Universais: a *Roda de Silêncios* como degustação do tempo

Esse artigo intenta discutir a respeito da performance denominada *Roda de Silêncios*, realizada pelo grupo de pesquisa e-caos, entre os pesquisadores da linha de pesquisa *Corpo e(m) Performance*, sob a coordenação de Ariane Guerra Barros. Feita entre os meses de setembro e outubro de 2023, em 3 locais diferentes da cidade de Dourados/MS, a *Roda de Silêncios* surge como prática de silenciamento próprio para abertura a sonoridades, ruídos e interferências diversas, em que o silêncio é o discurso principal. Através de relatos de participantes da performance, trazemos à tona a universalidade e potência do silêncio, em que diferentes discursos surgem, e o tempo é degustado de forma ativa.

Palavras-chave: Performance. Silenciamento. Temporalidade. Discursos. Sonoridades.

Abstract - Of Universal Silences: the *Circle of Silences* as a tasting of time

This article aims to discuss the performance called *Circle of Silences*, carried out by the e-caos research group, among researchers from the *Corpo e(m) Performance* research line, under the coordinate of Ariane Guerra Barros. Held between the months of September and October 2023, in 3 different locations in the city of Dourados/MS, the *Circle of Silences* appears as a practice of self-silencing suitable for opening up to sounds, noises and various interferences, in which silence is the main discourse. Through reports from participants of the performance, we bring to light the universality and power of silence, in which different discourses emerge, and time is actively enjoyed.

Keywords: Performance. Silencing. Temporality. Speeches. Sounds.

Resumen - De los Silencios Universales: la *Rueda de Silencios* como degustación del tiempo

Este artículo tiene como objetivo discutir la performance denominada *Rueda de Silencios*, realizada por el grupo de investigación e-caos, entre investigadores de la línea de investigación *Corpo e(m) Performance* bajo la coordinación de Ariane Guerra Barros. Realizada entre los meses de septiembre y octubre de 2023, en 3 lugares diferentes de la ciudad de Dourados/MS, la *Rueda de Silencios* se presenta como una práctica de silenciamento propicia para la apertura a sonidos, ruidos e interferencias diversas, en la que el silencio es el principal discurso. A través de informes de los participantes de la performance, sacamos a la luz la universalidad y el poder del silencio, en el que emergen diferentes discursos y el tiempo se disfruta activamente.

Palabras clave: Performance. Silenciando. Temporalidad. Discursos. Sonidos.

Introdução

Ao chegarmos no século XXI, nos deparamos com algo que nos tornaríamos completamente dependentes: a internet. Na segunda década do século XXI, parece impensável imaginar a vida sem acesso à ela. Há não muito tempo atrás, a grande maioria da população não tinha acesso à essa tecnologia. Mas considerando a *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios* relativa ao ano de 2021, podemos constatar que a internet chega a 90% dos domicílios do país, e o principal dispositivo de acesso era o *smartphone*. Um mundo inteiro ao alcance das nossas mãos.

A partir do surgimento de comunidades online, as redes sociais virtuais, as pessoas passaram a se conectar de maneira distinta, compartilhando informações, opiniões, relatos dentro das redes. Com o surgimento de *streaming* de vídeo e música, altera-se também as formas de consumo de arte e lazer.

Mas um recente acontecimento global modificou profundamente as relações de dependência da internet: a pandemia da COVID-19. Num contexto onde era necessário o isolamento, o distanciamento das pessoas, as relações sociais passam a ocorrer predominantemente no interior de um mundo virtual - a rede mundial de computadores passa a ser o local de trabalho, de educação, de entretenimento, de encontros etc. A tecnologia se integra a todos os aspectos da vida cotidiana, tornando essas tecnologias de conectividade elementos indispensáveis.

Neste contexto, é possível inferir que vivemos em um mundo pautado na tecnologia, especialmente as digitais, onde o compartilhamento rápido de informações, conexões em tempo real, dedos ágeis, sobrecarga visual ao olhar para a tela, ruídos e sons intermitentes - seja do datilografar das teclas, seja do aviso de aplicativos telefônicos como *WhatsApp*, e-mails e mensagens, e mesmo músicas - se tornam diários e cotidianos. Os sons e barulhos da rua distanciam-se, e os sons internos da residência amplificam-se na pandemia - cujos reflexos permanecem até hoje. Desligar-se parece quase impossível. Para Jorge Dubatti, entramos na era do tecnovívio, em contraposição ao convívio:

Ao conceito de convívio, opomos a noção de tecnovívio, isto é, a cultura vivente desterritorializada por intermediação tecnológica. Podem-se distinguir duas formas de tecnovívio: o tecnovívio interativo (telefone, chat, mensagens de texto, jogos em rede, Skype etc.), no qual se dá a conexão entre duas ou mais pessoas; e no

tecnovívio monoativo, no qual não se estabelece um diálogo de mão dupla entre duas pessoas, mas a relação de uma pessoa com uma máquina ou com o objeto ou o dispositivo produzido por essa máquina, cujo gerador humano se ausentou no espaço e/ou no tempo (Dubatti, 2020, p. 129).

O tecnovívio tornou-se nossa realidade diária. A tela, o “plim”, as músicas preferidas, podcasts, o ruído da televisão; a solidão mascarada pelos sons, em que a sensação de silêncio fica cada vez mais rara, pairando como uma sombra sobre as sonoridades latentes. Nosso convívio com outras pessoas, com outros espaços, com outros timbres, melodias e vozes reduziu-se ao espaço de nossas casas, aos sons de nossos aparelhos celulares, televisões e caixas de som. As ressonâncias passaram a vibrar em consonância com as tecnologias, um ruído metálico, estridente, e agora familiar. Pois,

no tecnovívio, há imposições nos recortes e na hierarquização da informação; não existe zona vital compartilhada; há desterritorialização e outras escalas para as possibilidades humanas; há limitações no diálogo; intermediação institucional de empresas, mercado e marcas; relação consumo e pagamento de assinaturas ou créditos, com a conseqüente possibilidade da interrupção do serviço por falta de pagamento; dependência do fornecimento de energia e do funcionamento das aparelhagens de conexão, sempre havendo a possibilidade de catástrofe ou colapso [...]; limites nos formatos expressivos e na capacidade de escritura e transmissão de experiência (Dubatti, 2020, p. 132).

O tecnovívio é o estilo de vida contemporâneo no interior de uma sociedade altamente tecnológica e audiovisual. Nele, há imposições visíveis e invisíveis que atuam no controle da maneira como as informações são apresentadas dentro das redes e mídias pelo controle ao acesso de determinadas informações, que são direcionadas a bolhas sociais¹ pelas informações sobre vivências que cada indivíduo costuma acessar e buscar em seu cotidiano. Com o crescimento do contato virtual, há diminuição de espaços reais compartilhados, com aumento de espaços virtuais compartilhados, provocando uma desterritorialização das experiências. Ao enfocarmos a desterritorialização das experiências, atemo-nos ao conceito da palavra *território*, em que Hissa nos explica: “Uma síntese de comum definição: território – domínio, campo de poder, propriedade, produto de exercício político e socioespacial.” (Hissa, 2009, p. 61). O território implica poder do sujeito sobre algo, propriedade, e compreendemos que a experiência se torna desterritorializada quando estamos conectados a essa rede virtual, pois

¹ Por “bolha social” compreendemos o algoritmo criado pelas redes sociais que estamos conectados aliado aos nossos interesses, que afunilam essa bolha, fazendo com que apareçam determinados objetos, marcas e matérias diretamente referentes a nossos gostos, interesses, ideias e visões de mundo. Informação retirada do site: <<https://neigrando.com/2022/05/15/as-bolhas-sociais-dentro-do-sistema/>>. Acesso em 24. nov. 2023.

perdemos o território, o poder, o controle, e ficamos à deriva no acesso à informação, às experiências concretas, estando quase que subjulgados a um algoritmo digital que busca e filtra aquilo que vemos na tela.

Além disso, como o diálogo entre pessoas - esse compartilhamento remoto - é intermediado por empresas e marcas, acabamos por distanciarmos de experiências reais, havendo uma espécie de desterritorialização expandida, e a comunicação torna-se dependente da possibilidade financeira, do acesso a uma rede rápida de internet, dos materiais atualizados como os *smartphones* e aplicativos direcionados para aperfeiçoamento de uma função, como um aparelho de determinada marca que é enquadrado como um aparelho que oferece qualidade de imagem para o Instagram. Essas dependências financeiras, de tecnologias e aplicativos nas comunicações apresentam espaços de rupturas entre os tipos de acesso, e recriam cotidianos dentro do modo virtual.

Dessa forma, refletindo acerca do excesso de informação em que se vive a sociedade contemporânea, podemos perceber que esse amontoado de informações, de forma praticamente incessante, reverberam em barulhos ininterruptos que não deixam que o silêncio, a suspensão para tomada de consciência e o atravessamento de experiências aconteçam. Experiência no sentido que retrata Jorge Larrosa Bondía:

a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresente, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem de ter uma opinião. Depois da informação, vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça (Bondía, 2001, p. 22).

E assim, se torna necessário ressaltar o ponto de nossos questionamentos. Não se trata da relação de se abster perante o mundo, se anular. Pelo contrário, por conta dessa preocupação em consumir cada vez mais informação, de forma acelerada, rasa, e que replicamos, acabando por soterrar a nós e os outros com as mesmas opiniões, que nem tivemos tempo de refletir e chegarmos a tais lugares por nós mesmos; é assim que nos distanciamos mais de encontrarmos algo *real*, um conhecimento através de nossas

experiências. Devemos ampliar, sintonizar, afinar a escuta perante as produções incessantes e barulhentas da fabricação da informação pela informação, e não ser mais um propagador desse som, por vezes, superficial e simplesmente parar suprir expectativas alheias, por vezes, de dar lugar a própria desinformação, algo ainda pior, que abre terreno para o caos, o controle, a manipulação dentro de um ambiente virtual e controlado por marcas e patrocinadores.

Diálogos em crise, sonoridades em crise, vozes em crise, corpo em crise, a própria temporalidade em crise. Um amontoado de opiniões, ruídos, marcas, propagandas, suspiros, silêncios, travamentos tecnológicos. Ficamos confinados a um espaço em que diversas temporalidades sonoras se sobrepuseram, em que um território conhecido - nossa residência - desterritorializa-se em confronto com outros territórios/sons que invadem nosso lar. Um espaço-tempo pessoal/coletivo que se funde numa coisa só, como em múltiplas ondas musicais se ajustando a um único ritmo-tempo. Neste contexto de pandemia e pós-pandemia,

Nosso corpo em crise desterritorializa o cotidiano na esperança de encontrar um outro cotidiano, e, ao mesmo tempo, nesse processo, buscamos sempre estar em movimento, fluindo e tentando nos encaixar na música que está sendo tocada. Segue o baile. O barco (corpo-indivíduo) está em movimento, há uma correnteza (pandemia e suas heranças). Puxamos a vela, tentamos direcionar esse barco no oceano da vida, adaptando-se ao movimento dele, das correntezas, e das intempéries que ainda estão por vir (Barros et al., 2023, pp. 09-10).

Ao tentarmos nos adaptar à música que está sendo tocada, e dançarmos conforme a mesma, uma multiplicidade de movimentos e sons torna-se barulhenta, e buscamos, em contrapartida, pelo silêncio ou silenciamento desse caos. Todavia, no mundo pós-pandêmico, o próprio silêncio tende a ser mediado, guiado, comunicado. Como exemplo podemos citar a meditação, prática silenciosa de concentração e reflexão, que se torna sonora, quase em oposição ao que pretendia no princípio. O que também se torna um produto, com aplicativos que podem ser baixados em celulares, programas de televisão e documentários auxiliam na meditação, guiando quem quer praticá-la, com músicas ao fundo e uma voz suave que guia o indivíduo em todo o processo de meditação².

Neste ínterim, podemos encontrar alternativas para o silêncio, como o denominado *retiro de silêncio*, que é um local ou evento próprio para sair da vida cotidiana, prezando pelo

² Como exemplos de aplicativos de meditação disponíveis para aparelhos celulares, podemos encontrar o *Medita*, *Sattva*, *5 minutos*, entre outros, em que é possível controlar sons, orações, mantras e mesmo o tempo de meditação. Já em *streamings*, podemos visualizar documentários como *HeadSpace - Meditação Guiada*, *Heal*, *Três Jóias - Caminho do Despertar*, entre outros, disponíveis principalmente na Amazon Prime e Netflix.

silêncio, a meditação e o afastamento de todo tipo de tecnologia, normalmente com ligação direta com a natureza. Essa prática é relativamente comum, e pode ser encontrada principalmente próxima a centros urbanos, como tentativa de fuga às sonoridades incessantes que a *selva de pedra* carrega³. Refletindo sobre esse momento atual, essa ação não parece algo tão acessível *in natura*, porém é muito necessária: o ser humano precisa dessa pausa e desse momento intrapessoal.

Todavia, os momentos de pausa neste caos e ruidoso cotidiano se tornaram uma oportunidade para as pessoas se manterem mais tempo nas redes sociais e as mensagens via internet podem ser caracterizadas como silêncios que ecoam ruidosos, no sentido em que, ao ouvir um mínimo som do aparelho telefônico, corremos para verificar o que pode ser aquela sonoridade. São mensagens que ecoam no silêncio individual, causando ruídos que não são a pausa que precisamos. Então como trazer momentos como esse *retiro do silêncio* em meio à vida cotidiana e caótica das pessoas? Como inserimos, no centro de uma cidade, um espaço, um momento de “silêncio” a esse exterior? O quão difícil é ficar alguns minutos longe de todo esse universo tecnológico? A área urbana nos puxa para o caos, longe da natureza, mas dentro desse caos quais os recursos que temos para alcançar esse foco e concentração visando o silêncio? Foram questionamentos que tivemos durante o planejamento da prática denominada *Roda de Silêncios*.

A criação da *Roda de Silêncios*: uma performance para degustar o tempo e entender o silenciamento

A *Roda de Silêncios* foi uma prática/performance idealizada pelo grupo de pesquisa *e-caos* (CNPq), entre os pesquisadores da linha “Corpo e(m) Performance”, no projeto de pesquisa de Ariane Guerra Barros, realizado na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no curso de Artes Cênicas. Entre os pesquisadores que criaram/idealizaram a performance, trazendo discussões, ideias e atividades, estão: Ariane Guerra, Aline Silva Vieira, Ana Carolina Silva, Davi Rocha, Maria Luiza Reis e Tatiana Honda; entrando para o processo

³ Como exemplos de Retiro de Silêncio, há, em Pedra Bela/SP, o templo *Taikanji*, com agenda aberta principalmente em datas comemorativas e feriados com eventos para praticar o silêncio. Ou a Escola *Nazaré Uniluz*, que também proporciona eventos, cursos e vivências em seu espaço, na Nazaré Paulista/SP, em meio a mata atlântica para contato com a natureza.

posteriormente Isabela Teles. Surgiu em analogia à *roda de conversa*, comum a nossos ouvidos e corriqueira em eventos, encontros, manifestações artísticas e atividades diversas. Inclusive, em relação quase direta, um dos fatores que influenciaram a concepção da performance *Roda de Silêncios* foi a performance de Eleonora Fabião, *Converso sobre qualquer assunto* (2008), em que a artista vai para a rua e, nesse espaço público, convida as pessoas a se sentarem e compartilharem conversas, assuntos, histórias de vida, reflexões. Disso, nasceu uma provocação em nossas discussões acerca do silêncio: como seria então o sentido inverso? Se ao invés do convite ao bate-papo, fosse um convite ao silêncio? Trazendo o silêncio como essa experiência através da suspensão do informar/opinar/produzir da contemporaneidade, evidenciando o tão combatido ócio, que consideramos necessário ao ser humano.

Um convite à pausa, ao não falar, à escuta mais ampla, à ausência sonora. Sabemos tratar-se de uma impossibilidade quando escrevemos “ausência sonora”, e neste sentido, buscamos o distanciamento das palavras, frases, sons, barulhos pessoais e falatório corriqueiro, um momento sem dispositivos eletrônicos, apenas compartilhando nosso silêncio com outrem.

Ressaltamos que, a princípio, essa suspensão do som em nosso dia a dia parecia ser o que mais buscávamos. Mas na prática, o ato de calar-se não demonstrou ser tão simples assim.

Neste mundo onde hoje tudo faz barulho, a toda hora, o silêncio é a maior benção possível. Hoje em dia eu acho que o silêncio muitas vezes tem que ser escolhido porque se a gente deixar são dias e dias e dias e horas sem ele. Ele não vem nem de noite. E não digo só nas cidades, digo na cabeça da gente, é tanta informação. Mas sem silêncio não há trabalho, não há aquele momento em que você para para olhar de verdade. As pessoas têm medo do silêncio, eu própria posso ter medo do silêncio como muita gente tem medo as vezes de olhar no espelho. O espelho é o melhor dos silêncios, sou eu e eu, e agora?⁴

O silêncio nos solicita algo a qual não estamos habituados: o calar, o ouvir. Essa pausa “forçada”, que constrange, que nos obriga a ouvir outros, que nos confronta com nós mesmos, acaba por incutir a potencialidade de uma performatividade velada, uma ação provinda da *não-ação*: o próprio silêncio. E aqui enfocamos a falta: o silêncio e a “não-ação” geralmente são levados a uma ligação com a falta de algo. Seja do som, seja do movimento etc. Uma coisa

⁴ Programa *Sangue Latino* - Canal Brasil, entrevista com Matilde Campilho, 2020. Vídeo disponível no site: <[MATILDE CAMPILHO \(Sangue Latino\)](#)> 2º9”. Acesso em 20 set. 2023.

incompleta, que precisa/necessita ser preenchida, complementada. Como se a sua existência se anulasse e que só possuísse relevância nas condições que não existem nelas.

Nós, porém, não enxergamos dessa maneira, pois o silêncio já é algo completo, no sentido que o entendemos. Acreditamos no silêncio que também é discurso, uma linguagem própria, que não deixa de ser/possuir ação, apesar de parecer ser ausente dela e por isso a “não-ação” na qual nos referimos, ou mesmo o *estar parado em silêncio* de nossa experiência/performance. Mesmo que muitas vezes possamos atrelar a falta a uma negação de algo, aqui verificamos o oposto: quando calamos, não fazemos som, abre-se, então, uma multiplicidade sonora outra, em que vários discursos e ações podem emergir e se misturar, existindo na sua própria verdade.

Na falta de som, o silêncio proposital é um discurso estranho, por vezes desconcertado, não comum, uma miscelânea discursiva em que esse silêncio é uma linguagem universal⁵: todavia, tal abordagem não nos parece assertiva em sua totalidade. Ao abordarmos as palavras “silêncio” e “universal”, buscamos a compreensão de que, em qualquer linguagem, há o silêncio, e o mesmo pode ser reconhecido como a não produção de som. Essa universalidade é caracterizada pelo fato de que, ao solicitarmos “silêncio”, a maioria de nós é capaz de atrelar o nome a seu significado, que comumente associa-se ao oposto da sonoridade: o não falar, o parar, o ouvir. Todavia, é preciso ampliar diálogos para trocas fluidas, e iremos iniciar pela pausa.

Na música, a pausa é *valor de não produção de som*, onde em alguns estudos de “teoria musical tradicional” (talvez por suas traduções) diferem *valor positivo* (figuras rítmicas com emissão de notas musicais) e *valor negativo* (figuras rítmicas de não produção de som), conforme autores como o professor tcheco Bohumil Med (1996). Pontuamos o olhar às traduções, pois em nosso idioma aplicar o termo *valor negativo* não nos parece elucidar a não produção de som, ou ainda: pode atrelar juízo de valores.

⁵ Por universal, enfocamos a definição do dicionário que indica que o mesmo “é adaptável ou ajustável para que possa atender a diferentes necessidades”, ou ainda ser “o conjunto dos seres ou das ideias que, numa dada circunstância, estão sendo tomados em consideração” (Ferreira, 2004, p. 2021). Nossa premissa aqui, apesar de parecer - pelo conceito de “universal” poder indicar mundial, global ou mesmo aplicável a tudo -, é a de ir à ideia de universal que pode ser acessível e identificável por uma maioria, e ir contra a ideia de padronização e que todos o realizam da mesma forma. Conforme relatos da próxima sessão, para cada pessoa o silêncio significa algo, estando a maioria subentendendo o silêncio como a “não emissão de sonoridades verbais”. Neste sentido, o compreendemos como universal, pois a maioria, ao ler a palavra silêncio, o atrela ao fato de “não fazer som”, ou “ficar quieto”, podendo ser entendido desta forma na maior parte das leituras realizadas.

Podemos, então, nos conectar à filosofia da música do italiano Giovanni Piana (2001), para então abarcar os diálogos em que o termo *silêncio universal* aparece: a conexão com o *silêncio murmurante*. Tal pensamento está na constatação da não possibilidade de um silêncio absoluto, os sons nunca cessam (estejamos ou não na escuta). O silêncio (universal) estaria, então, nos sons à margem de nossa percepção ou foco, na tentativa de cessar as produções sonoras voluntárias e permitir colocar-se em pausa. Para Cassiano Quilici, quando saímos do frenesi habitual, dessa submersão em nossas ocupações e redes sociais, permitimos que “se abram espaços vazios, momentos de suspensão, em que possamos começar a perceber os movimentos do nosso próprio desejo” (Quilici, 2015, p. 138). É esse vácuo, essa (in)quietude desejante - e com linguagem e sons próprios - que buscamos no silêncio.

Pois o silêncio de cada um é como um ouvido que se abre ao barulho de todos os outros, a pausa como um momento de atenção não só a si, mas também ao que está a volta: é possível ouvir os ruídos, perceber os olhares, e sem o recurso verbal, a comunicação, a energia e o calar de cada um se transporta para outras linguagens. O silêncio em experiência coletiva parece de certo modo transpor o caos interno no qual nos encontramos: na premissa de ficar quieto há a tentativa de esconder silenciamentos outros, próprios e coletivos.

É plausível pensar que o silêncio não tem uma única definição e não está presente em um único mecanismo, pensar o tempo e o espaço é observar as formas de silêncio e silenciamento que estruturam, direcionam e desenham uma sociedade. Experimentar de forma proposital pequenas formas de silêncio é dar atenção e dimensão àquilo que se faz e nos molda todos os dias, o falar demais advém dele e o calar também; temos o silêncio imbuído não só nos nossos gestos, mas também em nossas escolhas, nossas crenças e nossos medos. Para Marcos Chaves, pesquisador da área cênico-musical, em projeto de extensão em terras indígenas que observava músicas dos povos Terena em Mato Grosso do Sul, “na busca por músicas, na maior parte encontramos silêncios ricos em significado” (Chaves, 2023, p. 128).

Quantos silêncios cabem no caos de cada um? Em seus mecanismos de defesa, quando a discussão muitas vezes desfavorece a si? Desenhar e analisar os pontos dinâmicos do silêncio, mostra que no âmbito da repressão, calar o outro é autopromoção e imposição, calar a si é entender a fragilidade e consequência de certas falas, ouvir é abrir espaço, atenção e falar é, sim, um privilégio. Para Lélia Gonzales, o falar vai além, legitima discursos, a saber *quem* está a falar, e se fala por parte de quem. Falar implica poder, e silenciar também.

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infantis é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa (Gonzales, 1984, p. 225).

Falar sobre silenciamento é inerente à quem tem o poder da fala, a quem pode discursar sobre esse tema. Quando criamos a *Roda de Silêncios*, a proposta perpassava o simples ato de falar ou não, de participar da roda ou não. Foi perceptível o quanto um grupo de pessoas sentados em puro silêncio desalinham o ambiente, a performance tem este lugar de modificar o habitual, o cotidiano, e fazer isso pensando (n)o silêncio e as formas de silenciamento é de alguma forma provocar o pensamento, as posturas e o ambiente em que vivemos.

A Roda de Silêncios: uma performance/experiência

A performance *Roda de Silêncios* aconteceu em três ambientes diferentes e em distintos períodos do dia. A primeira ação ocorreu no Centro de Convivência do Campus/Unidade 2 da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), pela manhã; a segunda foi realizada à noite em frente ao Núcleo de Artes Cênicas (NAC), da mesma universidade; e a terceira performance foi feita em meio à praça central da cidade de Dourados/MS, a praça Antônio João, localizada na Rua Marcelino Pires, em esquina com a Rua Presidente Vargas, em período matutino.

O Centro de Convivência, mais conhecido como CC, consiste em um espaço do campus onde as pessoas que estão na faculdade podem utilizar enquanto esperam ou aproveitam seu tempo livre. Um lugar com cadeiras, mesas, e jogos como tênis de mesa, petbolim e sinuca; além de cantinas e outros espaços para venda de comida e bebida.

O Núcleo de Artes Cênicas é espaço reservado a discentes e docentes do curso de graduação em Artes Cênicas, e é localizado ao final do Campus, com um estacionamento amplo em sua lateral.

A praça Antônio João é praça centralizada da cidade douradense, com um ponto de ônibus, arcos grafitados, chafariz e uma concha acústica, espaço destinado também a eventos na cidade.

A *Roda de Silêncios* ocorreu no final do mês de setembro e início do mês de outubro de 2023. Nos ambientes escolhidos para a performance, foram colocados bancos de plástico dispostos em círculo, cartazes com os dizeres *Roda de Silêncios*, e à frente dos bancos, juntamente com uma caneta, havia papéis brancos em formato redondo para quem quisesse escrever algo ao final da experiência.

A primeira performance se deu no CC-UFGD, e se fixou num lugar próximo das mesas de jogos, um espaço que ficasse visível para todos os transeuntes, caso escolhessem participar. Teve seu início às 10h do dia 29 de setembro de 2023, e permitiu aos participantes do grupo de pesquisa entender como seria a experiência em um local universitário, com pessoas desconhecidas, embora curiosas pelo que estava por vir. Mesmo com divulgação prévia em canais de redes sociais, não houve pessoas que foram participar por este intuito, através e pela divulgação, então, desta forma, a primeira *Roda de Silêncios* contou apenas com pessoas que já se encontravam no CC, ou comendo, ou jogando, pessoas de diferentes cursos da UFGD. No intento de apenas sentarmos no círculo, com os cartazes, esperávamos para ver se alguém entraria no jogo. Com olhares que não se permitiam passar de olhares, acabamos por compreender que, naquele espaço e momento, se quiséssemos que a experiência de fato acontecesse, teríamos que convidar as pessoas que ali estavam. E isso é uma questão a se refletir, essa nossa reação às condições que se estabeleceram e a forma com que lidamos. O que esperamos dos outros através do nosso silêncio? O que este é para os outros e porque sentimos tanto a necessidade de rompê-lo?

Após o convite verbal, algumas pessoas se permitiram participar, e posteriormente escrever no papel a sua frente. Interessante perceber que alguns ficavam poucos minutos, outros por mais tempo. Houve um grupo de pessoas que se conheciam e que entraram em conjunto e a maioria em menos de 5 segundos saiu em risada, com a exclamação: “Desculpa, não dá.”. Outras respostas escritas no papel sobre a experiência são abaixo transcritas, para explicitar a diversidade e dimensão do silêncio:

No começo é um pouco desconfortável estar exposta assim, mas depois fica bem tranquilo. Eu ouvia os sons ao redor, vozes, bolinha de ping-pong, cortador de grama, mas parecia tudo bem distante, só entendia o que se passava na minha cabeça. Será que eu quero voltar a falar? Maresia - Gabriel, o Pensador (anônimo)⁶.

⁶ Todos os papéis que foram escritos não continham assinatura, nem eram identificados, para que não soubéssemos quem escreveu e focarmos na experiência em si.

Barulho ensurdecedor, julgamento, calma (anônimo).

Ficar em silêncio é olhar para o caos. O silêncio é o encontro consigo (anônimo).

A sensação que eu tive foi de rir e nervosismo por não poder falar (anônimo).

Não sinto necessidade de escrever nada (anônimo).

Ao contrário do que as pessoas pensam o simples ato de ficar, alguns minutos em silêncio, nos fazem parar para refletir sobre os momentos que estamos lidando, apenas escutando nossa voz interior e entendendo a percepção e respostas do nosso próprio ser, tendo respostas que na hora da raiva ou em uma conversa talvez não existiria. (Ps: amei o projeto de vocês, desejo que possa vir mais vezes) (anônimo).

Um misto de sensações, coletadas em um pedaço de papel. A amplificação sonora, no entanto, foi perceptível, como se uma lupa se colocasse em nossos sentidos. A observação de pessoas, objetos, animais foi aumentada, sentida por mais de um participante. Ao mesmo tempo, o afastamento, o distanciamento sonoro após um período de tempo também foi sentido e descrito, como se a temporalidade afetasse também nosso entendimento de silêncio. Silêncio gritante, que extrapolou a audição, e se fez ecoar em movimentos, gestos, olhares. Uma perna que balança, uma pose de mão, uma coceira intermitente... diferentes formas e trejeitos dão lugar ao que a boca não consegue expressar. Pois, de acordo com Cassiano Quilici,

A problematização dos limites da linguagem humana⁷ é um tema que pertence a muitas épocas e culturas, mas o modo dela aparecer na arte e no teatro recentes tem diversas peculiaridades. De forma extremamente geral, podemos dizer que as “estratégias do silêncio” na arte atual estão ligadas frequentemente à constatação de uma degeneração da linguagem cotidiana (Quilici, 2015, p. 69).

Independentemente de como esse tema pode surgir no teatro, como ele transparece na performance *Roda de Silêncios* nos fez ampliar nossa própria compreensão de silêncio, como também o entendimento de sonoridade. Degenerar essa “linguagem cotidiana”, esses sons e comunicações habituais, parando em um círculo para não falar nada, é também uma forma de degeneração corpóreo-vocal, que imbrica reverberações diversas nos indivíduos, como pudemos observar na segunda performance, realizada à noite, antes do início das aulas do curso de Artes Cênicas, em frente ao Núcleo de Artes Cênicas-UFGD.

⁷ Aqui não podemos definir com precisão o que o autor delimita como linguagem humana, mas inferimos poder tratar-se da linguagem verbalizada e comunicada em termos mais gerais.

Em meio a um estacionamento, longe de cantinas, jogos e um espaço construído para interação, o silêncio foi mais palpável nesta segunda experiência, em que inclusive aqueles/as que assistiam à performance faziam sua própria *Roda de Silêncios* sem perceber, esperando que algo acontecesse, completamente calados (conforme imagem abaixo).



Figura 01: *Roda de Silêncios*, 29 set. 2023. NAC, Dourados. Foto: Ana Barbosa.

Daí percebemos que o silêncio é uma linguagem universal. Ele não possui regras gramaticais, tempos verbais, consonância nem congruência. Ele apenas é. Performatividade irradiada através do não falar. Performatividade, que segundo Patrícia Leonardelli é “Eis a natureza específica da performatividade, a qual se opõe radicalmente à teatralidade: o desejo de não-construção de sentidos, um desejo, talvez, ainda mais radical de ruptura do cotidiano, que promove outras relações no encontro das singularidades.” (2011, p. 12). A este encontro de singularidades, um encontro de corpos, sons, ruídos, interferências, silenciamentos compartilhados.

A *Roda de Silêncios*, no NAC-UFGD, foi a que teve maior engajamento, rotatividade e compartilhamento das pessoas que se encontravam no entorno da performance. Muitos ressaltaram que o silêncio proporcionado pela ação, gerou alterações na percepção do tempo, ampliou o sentido auditivo, instigou uma análise pessoal de seus próprios ruídos, pensamentos, ansiedades. Sensações que, geralmente, passam despercebidas na correria dos afazeres, conversas e distrações diárias, como aparecem nos relatos a seguir:

Ariane Guerra Barros; Aline Silva Vieira; Ana Carolina de Sousa Silva; Davi da Rocha Lima; Isabela Teles Pereira; Maria Luiza Machado dos Reis; Tatiana Kaori Honda.

Dos Silêncios Universais: a *Roda de Silêncios* como degustação do tempo.

Dossiê Temático - Artigos - Revista Voz e Cena - Brasília, v. 04, nº 02, julho-dezembro/2023 - pp. 71-90.

ISSN: 2675-4584 - Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/>

Eu ficaria mais tempo por aqui. E confesso, posso ter rompido com a roda do silêncio, pois aqui dentro de mim havia muito barulho o tempo todo!! É confortante ter um silêncio por fora às vezes (anônimo).

Que experiência incrível, mas dolorosa. No começo o que senti foi ansiedade e curiosidade. Num segundo momento senti dores intensas nas costas e coceira na garganta que me fez ter vontade de tossir, mas superei quase desistindo. Faria mais vezes e não quero mais falar kkk (anônimo).

Meus silêncios não caberiam nesse papel (anônimo).

É muito bom ficar em silêncio, ouvi tudo ampliado, você começa a ouvir sons que não ouve frequentemente, você desacelera e começa a notar tudo, as pessoas perto ou longe conversando, os barulhos dos carros chegando, se ouve o vento, gosto de ficar em silêncio e observar, acalma o corpo e tranquiliza, foi muito gostoso participar (anônimo).

Quanto som cabe na imensidão do silêncio? quantos vozes na bagunça da minha mente. quem sou? Rostos estranhos e conhecidos. Olho para o nada e me vejo. O som do silêncio mata e ensurdece. Eu quero chorar, mas que o olhar transparece a gratidão do peito. Me calar basta, eu sou arte, eu sou pô. Eu sou nada (anônimo).

O silêncio me fez pensar em tudo, o silêncio me fez pensar em nada, pois os sons dos grilos, as batucadas das torcidas, as risadas escandalosas e altas, os sapatos diferentes de cada uma das pessoas sentadas ao meu lado me mostrou suas semelhanças comigo e as minhas diferenças também, que tudo que começa chega ao seu fim, mas o fim não é necessariamente uma coisa ruim, na RODA DO SILÊNCIO foi uma coisa boa. Me fez deixar de ser qualquer pessoa. Hoje, fui EU (anônimo).

A sensação de compartilhamento, de identificação e de distanciamento foram descritas nesta experiência, em que algumas pessoas permaneceram até o final da mesma, totalizando quase duas horas de experiência, e que tivemos que interromper devido às atividades da instituição. O tempo foi algo que foi expandido nesta *Roda*, pois, diferentemente da primeira, em que o tempo de performance alcançou em média 40 minutos, desta vez era nítido o conforto de estar em silêncio em aproximadamente 120 minutos; quase o triplo do tempo, com a diferença de estarmos em local mais familiar, com pessoas que podíamos conhecer, ou pelo menos termos visto em algum momento.

Um espaço que não foi feito para estar de *passagem*, como no primeiro e último local que fizemos a *Roda de Silêncios*, mas um ambiente projetado para a Arte, com pessoas disponíveis para a experiência, de uma forma mais generalizada. Aqui também pudemos perceber uma tensão maior nos participantes do grupo de pesquisa, referente ao julgamento

de outrem. Enquanto na primeira *Roda* o julgamento vinha de olhares curiosos, pessoas desconhecidas que estranhavam o acontecimento; agora o julgamento era diferente, vinha de possíveis conhecidos, de pessoas artistas, e isso gerou um desconforto maior quando refletimos sobre o julgamento alheio, ao mesmo tempo que gerava um conforto maior por estar entre conhecidos. Silêncios contraditórios, silenciamentos acolhedores e inquietantes.

A terceira e última performance aconteceu na praça Antônio João, no centro de Dourados/MS. Teve seu início às 9h30 da manhã, no dia 04 de outubro de 2023, em meio a muito vento, profusão de carros, pedestres, lojas, distrações visuais e sonoras, o movimento cotidiano de um lugar de passagem. Desta vez, os organizadores da ação levaram em cartaz o convite escrito para que as pessoas pudessem se sentar e compartilhar, cada um à sua maneira, os seus silêncios. Após uma hora, a roda se deu por encerrada, pois na roda ficaram apenas os pesquisadores, e não houve participação de pessoas externas do grupo de pesquisa.

Durante o processo na praça, o que pôde ser observado foi que muitos indivíduos que se dirigiam aos seus destinos e se deparavam com a *Roda de Silêncios*, desprendiam poucos minutos de seu tempo para ler a proposta da performance e observar as pessoas que lá estavam sentadas. Outros pedestres apenas olhavam de soslaio para aquele grupo de pessoas desconhecidas em silêncio no meio da praça. Houve apenas uma pessoa que perguntou ao fotógrafo o que estava acontecendo, mas sem participar efetivamente da experiência.

Uma participante sentiu-se incomodada e, em determinado momento, soltou o cabelo que estava preso, pois, para ela, o cabelo funcionava como uma espécie de cortina que a protegia de olhares e *do lado de fora*, permitindo-a concentrar-se em si mesma. Outra participante usou óculos escuros durante toda a performance, pois assim não precisava olhar diretamente para ninguém, pois os óculos escuros era uma blindagem ao exterior (conforme imagem a seguir).



Figura 02: *Roda de Silêncios*, 04 out. 2023. Praça Antônio João, Dourados. Foto: Felipe Macedo.

Após essa experiência, em que a *Roda de Silêncios* foi realizada em 3 locais distintos, nossa forma de perceber o silêncio, o silenciamento, o tempo e os sons alteraram-se, em que a sonoridade se tornou visível, audível, palatável, olfativa e tátil.

Considerações e Reverberações sobre o Silêncio

Dentro da vasta gama de possibilidades que podemos observar, refletir e traçar estudos acerca dos “tipos de silêncios”, existe uma questão a ser levantada que se mostra relevante, no que diz respeito ao silêncio como um estado provedor de tomada de consciência, importante para distanciar-se dos automatismos da vida humana e oferecer a suspensão ou pausa necessária para sentir e elucidar o que está oculto pelo frenesi dos atos, do fazer, da produção.

Partimos da premissa silenciosa, velada e compulsória de que devemos estar sempre em movimento, e a própria questão errônea de que o mover significa simplesmente o contrário de *estar parado*. Abordamos então, um ponto que Jerzy Grotowski traz sobre a existência de dois pássaros imbricados ao performer: o pássaro que bica e o pássaro que observa, colocado no texto *El Performer* (1992):

Nós somos dois. O pássaro que bica e o pássaro que observa. Um morrerá, um viverá. Imersos de estar no tempo, preocupados em bicar, esquecemos de fazer viver a parte de nós mesmos que olha. Existe então o perigo de existir apenas no tempo e de forma alguma fora do tempo. Sentir-se olhado pela outra parte de você, aquela que está como se estivesse fora do tempo, dá ao outro dimensão. Existe um Eu-Eu. O segundo eu é quase virtual; o olhar dos outros não está em nós, nem o julgamento, é como um olhar imóvel: presença silenciosa, como o sol que ilumina as coisas e basta. O processo de cada pessoa só pode ser realizado no contexto desta presença imóvel. Eu-Eu: na experiência o duplo não aparece como separado, mas como pleno, único [tradução nossa] (Grotowski, 1992, s/n)⁸.

Através desse estudo de Grotowski, nos debruçamos a refletir sobre a perspectiva do “Eu-Eu”, de que somos essa dualidade, esse *duplo*, e que não necessariamente significa estar dividido em dois, mas sim uma coexistência de ambos, através desse processo de perceber essa duplicidade em si mesmo e do desenvolvimento do “Eu-Eu”. Em sua essência, através dessa presença silenciosa do pássaro que observa, podemos compreender o conceito desse distanciamento, pois ao mesmo tempo que olhamos, também “bicamos”, daí a importância desse silêncio que age. De estar passivo na ação e ativo no olhar, na escuta. Podemos, desta forma, criar um organismo-canal, em que a aparente “inércia” da ação é ser/estar receptivo a ativa presença do olhar/escuta/perceber silencioso, que pode então fazer as forças circularem, seja na presença da ação dita *visível*, seja na presença da ação *imóvel*, que ao nosso ver, se desenvolve nesse silêncio consciente, que percebe, que desperta os pássaros que somos.

Para Quilici, esse esvaziamento criaria uma nova linguagem, provinda do silêncio:

Ao mesmo tempo, não se trata de negar pura e simplesmente a linguagem, pois esse processo de esvaziamento criaria as condições para a emergência de um outro tipo de discurso, revigorado pela imersão no silêncio. O silêncio assinalaria assim tanto o limite da linguagem como a condição essencial para a sua renovação (Quilici, 2015, p. 70).

⁸ *Nosotros somos dos. El pájaro que picotea y el pájaro que mira. Uno morirá, uno vivirá. Embriagados de estar en el tiempo, preocupados de picotear, nos olvidamos de hacer vivir la parte de nosotros mismos que mira. Hay entonces el peligro de existir sólo en el tiempo y en ningún modo fuera del tiempo. Sentirse mirado por la otra parte de sí mismo, aquella que está como fuera del tiempo, otorga la otra dimensión. Existe un Yo-Yo. El segundo Yo es casi virtual; no está en nosotros la mirada de los otros, ni el juicio, es como una mirada inmóvil: presencia silenciosa, como el sol que ilumina las cosas y basta. El proceso de cada uno puede cumplirse sólo en el contexto de esta inmóvil presencia. Yo-Yo: en la experiencia la pareja no aparece como separada, sino como plena, única.* (Grotowski, 1992, s/n).

Daí temos o silêncio como linguagem universal, uma linguagem discursiva que quer acolher a todos/todas em um círculo que compartilha silenciamentos, gritos, sussurros, palavras, ruídos e interferências diversas, que pode dilatar e suspender o tempo, numa degustação espaço-temporal corpóreo-vocal que engloba uma multiplicidade discursiva, e ao mesmo tempo silenciosa.

Referências

- BARROS, Ariane Guerra; VIEIRA, Aline Silva; REIS, Maria Luiza Machado dos; SILVA, Ana Carolina de Sousa e; LIMA, Davi da Rocha; HONDA, Tatiana Kaori. *Corpo em Crise: a desterritorialização do cotidiano. Anais do IX Interfaces Internacional: coporalidades na cena da pesquisa contemporânea*. 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/interfaces2022/>. Acesso em 09 out. 2023.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Tradução de João Wanderley Geraldi. Campinas: Leituras SME, 2001.
- CHAVES, Marcos Machado. *Imersões do projeto de extensão Música Terena – Canto e Vivência: algumas percepções entre ambientação espacial e diálogos musicais em terras indígenas*. In CASTANHEIRA, José Cláudio S.; CONTER, Marcelo Bergamin; MAZER, Dulce [orgs.]. *Sonoridades fronteiriças [livro eletrônico]: espaços, ecologias e mediações*. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2023. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/sonoridades-fronteiricas/> Acesso em 24 nov. 2023.
- DUBATTI, Jorge. (2020). *Experiencia teatral, experiencia tecnovivial: ni identidad, ni campeonato, ni superación evolucionista, ni destrucción, ni vínculos simétricos*. *Revista Rebento*, 12, 8-32. São Paulo.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo%20e%20Sexismo%20na%20Cultura%20Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em 18 jul. 2023.

GROTOWSKI, Jerzy. El Performer. *Revista Máscara*, edição mexicana, Ano 3, nº 11-12, Outubro de 1992/Janeiro 1993. Disponível em : <<http://poralgunmotivo.blogspot.com.br/2008/05/el-performer-jerzy-grotowski.html>>. Acesso em 2011.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. Território de Diálogos Possíveis. In: RIBEIRO, MTF., and MILANI, CRS [orgs.]. *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 24 nov. 2023.

LEONARDELLI, Patricia. Teatralidade e Performatividade: espaços em devir, espaços do devir. *Revista Cena*, n.10. Porto Alegre: UFRGS, 2011. pp. 02-19.

MED, Bohumil. *Teoria da música*. Brasília: Musimed, 1996.

PIANA, Giovani. *A Filosofia da música*. Bauru: EDUSC, 2001.

QUILICI, Cassiano Sydow. *O ator-performer e as poéticas da transformação de si*. São Paulo: Annablume, 2015.

Artigo recebido em 14/10/2023 e aprovado em 21/12/2023.

DOI: <https://doi.org/10.26512/vozcen.v4i02.51184>

Para submeter um manuscrito, acesse <https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/>

ⁱ Ariane Guerra Barros - é professora adjunta do Curso de Artes Cênicas da UFGD, da área de Corpo e Movimento. Doutora em Artes Cênicas pela UFBA. Atriz, performer, diretora artística, preparadora corporal e radialista, compõe a Cia. Última Hora (Dourados/MS). ariane.guerra@gmail.com.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3548592549465571>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3799-2288>

ⁱⁱ Aline Silva Vieira - Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras, área temática de Literatura e Práticas Culturais, da UFGD, e bolsista do Programa de Demanda Social (DS) da CAPES. Especialista em Teatro e Educação: Processos criativos e pedagógicos pela Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD (2023), Bacharel em Artes Cênicas (2021, UFGD). Discente no curso de licenciatura em Letras - Português/Espanhol na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). alinesilvavieira@outlook.com.
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9490823647356529>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7221-1849>

iii Ana Carolina de Sousa Silva - Graduanda em bacharelado em Artes Cênicas na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Faz parte do grupo de pesquisa CNPq *e-caos* - Estudos Contemporâneos e Artísticos em Observações Socioculturais, na linha de pesquisa *Corpo e(m) Performance*, sendo bolsista PIBIC-UFGD. É atriz, DRT 482/PI, escritora e produtora. Faz parte do "Esboço Caótico", grupo de teatro em Dourados/MS, atuando como atriz. Faz parte também do "Produtora Cinematográfica Caverna do Diabo", em que atua como produtora e diretora. negacarolina803@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1875021630803581>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6986-7573>

iv Davi da Rocha Lima - Discente do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Bolsista de Iniciação Científica PIBIC-UFGD na linha de pesquisa *Corpo e(m) performance*, sob orientação de Ariane Guerra, dentro do grupo de pesquisa CNPq *e-caos* - Estudos Contemporâneos e Artísticos em Observações Socioculturais. Ator; dramaturgo; cineasta; artista visual. Atualmente integra a Companhia Doidivasas de Teatro, e a produtora Magenta Produções, ambas residentes da cidade de Dourados/MS. rocha_davi@outlook.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0037113685154860>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8296-4108>

v Isabela Teles Pereira - Licencianda em Artes Cênicas (2021-) pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Desenvolve pesquisa de iniciação científica na linha de pesquisa *Corpo e(m) Performance* (2023-), sob orientação de Ariane Guerra, como bolsista PIBIC-FUNDECT, no grupo de pesquisa CNPq *e-caos* - Estudos Contemporâneos e Artísticos em Observações Socioculturais. Atriz-cantora-bailarina do Projeto de Extensão Teatro Musical (TMUS) da UFGD (2022). isabelatelespe@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6225401627340842>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3019-5456>

vi Maria Luiza Machado dos Reis - Malu Reis é atriz, dramaturga, ilustradora, Especialista em Teatro e Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD (2023) e graduada em Bacharelado e Licenciatura em Artes Cênicas pela UFGD. Atualmente é mestranda em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e pesquisa a criação de desenhos como ferramenta para atuação e para a cena. marialuizamachadodosreis@hotmail.com.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7328337379741398>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7836-2824>

vii Tatiana Kaori Honda - Estudante do curso de licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados(UFGD). Faz parte do grupo de Pesquisa *e-caos* na linha de pesquisa *Corpo e(m) Performance*. É atriz, faz parte do grupo de dança Lótus como líder em Dourados-MS e tem experiência em sala de aula. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro. tatianakaoril@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0187418037785322>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8501-4748>

viii This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

